

Todos com medo do voto

Villas-Bôas Corrêa

Enquanto a Constituinte não começa a votar e, portanto, a definir quem é maioria e qual o seu exato tamanho, a minoria, devidamente manipulada, tem servido para tudo, desde pretexto para a tutela militar até denúncia de endurecimento conservador.

É curioso como as duas pontas se encontram esgrimindo o mesmo exagero com sinais trocados. Basta que uma posição de centro sinta-se ameaçada pela rebeldia permanente do PMDB para altear a voz, clamando contra a atuação de minorias desabusadas, insolentes e que encurralam os moderados, acelhados por invencível timidez, impondo pela intimidação o que não conseguem pelo voto de bancadas inexpressivas.

Mas, do outro lado da cerca, a gritaria é outra. Pelas suas vozes mais expressivas, a esquerda denuncia o controle total da Constituinte pela máquina majoritária, empedernidamente conservadora, insensível às reivindicações sociais e que estão talhando um figurino sob medida para os seus interesses reacionários. Protostando com cautelosa antecedência, líderes da minoria rosnam graves ameaças de uma rejeição da sociedade a uma Constituição empurrada de goela abaixo do país pela massa de votos infieis aos compromissos de campanha. No caso, a carapuça cabe, na conta certa, na cabeça tonta do PMDB.

Ora, nem tanto ao mar e nem tanto à terra. Que a maioria desconfie da fidelidade dos seus representantes nesses dias de irritação e inconformismo, com o governo cedendo terreno, tangido pela impopularidade, compreende-se. Trata-se de um recurso de retórica que convém administrar com cautela. O ministro do Exército, por exemplo, não deve utilizar-se do argumento. Não por nenhuma prevenção despropositada. É que resmungo de general, comandante de tropa, mete medo. Afinal, estamos com a memória recente de destemperos do generalato e das suas conseqüências.

O berreiro da minoria é menos tática do que desespero. Uma vez mais a minoria acreditou na patranha por ela mesmo engendrada de empalmar a Constituinte com a atuação mais competente, desenvolta e audaciosa de grupos organizados e com grande capacidade de mobilização. A minoria armou a arapuca e caiu nela. Na confusão dos primeiros dias, antes que a poeira assente e que cada um pouse na sua cadeira, a bulha dos que botam a boca no mundo ensurdece, zonzéia. A minoria mexeu muito mais com o povo, com as organizações de ponta, com os grupos militantes. Logo que a Constituinte se instalou, as expectativas excitadas previam multidões acampando na Praça dos Três Poderes para a cobran-



ça direta, a pressão à porta de casa. O senador Afonso Arinos anteviu um milhão cercado o Congresso de transparências e fragilidades para exercer, no berro e na marra, uma coação que seria irresistível.

Nas escaramuças internas iniciais, a minoria exibiu toda a sua agilidade na ocupação de espaços. Emplacou relatores de quase todas as 24 subcomissões. E os mais assanhados funcionaram como introdutores, mestres-de-cerimônia das comissões reivindicantes que desfilaram dia e noite, por uma Constituinte escancarada a uma participação popular que se vai revelando perversamente ilusória. Todo o rio de sugestões, propostas, emendas populares está resvalando para o lixo sob o olhar lunático, perdido no horizonte das ambições desfolhadas, do múltiplo presidente dr Ulysses Guimarães.

Quando o preto começa a ser posto no branco das fórmulas negociadas, a minoria descobre que, se não foi enganada, caiu no conto que ela mesma propalou. A Constituinte, cada vez mais e inapelavelmente, vai assumindo o contorno da maioria. Moderada, conservadora, reacionária.

A singela evidência pondera que é assim mesmo. Maioria é maioria, ganha todas. Se a Constituinte distender-se em clima de entendimento, é possível que se deixe envolver pela negociação e vote soluções consensuais. Na medida em que radicalize, não há manobra que inverta resultados.

Tais obviedades são extremamente pertinentes. Da maior oportunidade. Antes de mais nada, porque desmascaram o embuste da alegação estapafúrdia de que a Constituinte vem sendo manipulada por minorias miraculosamente infiltradas nas comissões, a introduzir, com mão de gato, artigos no substitutivo do deputado Bernardo Cabral. Ou a trocar textos, em operações sigilosas, cobertas pela cumplicidade das madrugadas.

Na outra banda do mesmo equívoco, o controle inevitável, que a maioria vem assumindo do processo de montagem da futura Constituição, expõe o grave erro da trama das minorias.

Quem não tem voto para decidir na hora da verdade insinua-se dissimulado, nas rodadas de negociação. Minoria em marcha batida para o confronto só pode estar cogitando da virada de mesa.

Na Constituinte parece que a moda mais vanguardista é essa de minoria roncar grosso para levar no susto. Enquanto todos tremem de medo do voto e fogem dele como o capeta da água benta. O governo desconfia de que a maioria da Constituinte é parlamentarista, mas quer impor o presidencialismo, com algumas concessões generosas, sacando as armas do coldre do general. A minoria entra em pasmo e pânico porque não está conseguindo assustar a maioria e descobre que pode perder todas, ficando de mãos vazias, mais sem assunto do que comício das diretas.

Todos se identificam no mesmo pavor ao voto.